

## 1

Quinn sabia que precisava de ter sorte.

Rae vinha da cidade do México à tarde, e se aplicassem bem o dinheiro Sonny estaria fora da *prisión* três dias depois e desapareceria.

A sorte, pensava Quinn, andava sempre de amores com a eficiência. Um provérbio persa dizia isso mesmo. E ele, desde que se encontrava em Oaxaca, tinha sido eficiente na porra de todos os pormenores. Podia não ter sido mais nada, mas fora eficiente. A única coisa de que não tinha a certeza — e isso preocupava-o — era que ter sorte ainda fizesse parte do seu carácter.

Nessa tarde conhecera uma rapariga italiana no Portal das Flores. Ela saía do jardim público, caminhara por entre as mesas da rua como se procurasse alguém em particular e sentara-se à sua mesa. Sorriu enquanto se sentava, virou-se e olhou para o lado de cima do Portal e para os *hippies*, os mendigos e os turistas ingleses que estavam a tomar café. Olhou-o depois e sorriu confiadamente, como se ele devesse compreender o motivo por que ela ali estava. Quinn começara a adquirir o hábito de não travar conversas supérfluas. Falar era arriscado. Uma pessoa nunca sabia o que ia dizer, e

sete meses sozinho haviam-no ensinado a guardar silêncio. Mas não se importava de estar sentado diante dela. Olhar não engravidava ninguém. O Portal delimitava o jardim central com uma extensa galeria comercial que formava uma arcada abobadada com o lado interior aberto. Era o centro do mau e do bom comércio de Oaxaca. Costumava encontrar-se com Bernhardt no Portal nos dias em que iam à prisão, esperava debaixo da tabuleta suspensa da Raleigh que Bernhardt virasse a esquina para a Rua Hidalgo. E nos dias em que não visitavam a prisão gostava de ir até lá ao anoitecer, quando o Centro não estava cheio de novos turistas, a luz tinha uma tonalidade *chartreuse* e menos nítida e parecia haver nas ruas uma espécie de atmosfera acolhedora impessoal e humilde, uma sensação tranquilizadora de que tudo o que se via estava a funcionar de maneira previsível.

A rapariga tinha vinte e poucos anos e um rosto escandinavo redondo, que não a tornava bonita mas dava à sua singeleza um ar cativante. Os seus lábios eram escuros e expressivos. Tirou da *bolsa* um par de sandálias e ocupou-se uns instantes com as correias, em silêncio, e por fim calçou-as. Quinn lia o *Excelsior*, para saber os resultados dos jogos. A rapariga olhou para o lado de baixo do Portal e tentou atrair a atenção de um empregado de mesa, mas não conseguiu. Olhou de novo para Quinn, voltou a sorrir e pediu-lhe um cigarro. Depois de ter começado a fumar perguntou-lhe de onde era e ele limitou-se a dizer Estados Unidos. Ela disse, a soprar fumo, que era de Milão e estava em Oaxaca há uma semana, a descansar. Disse que tinha vindo da cidade do México com um amigo, numa carrinha, e ele a deixara e se tinha ido embora, e que o ia esperar mais um dia e depois se metia num autocarro para San Cristóbal, onde tinha pessoas conhecidas. Tinha cabelo castanho espesso, com uma fita verde entrançada numa madeixa fina. Ela pensava que o cabelo era a sua feição mais bonita. Enfiava constantemente os dedos nele como se estivesse a atrapalhá-la, mas não estava. Parecia mais bonita quando falava, e Quinn não se importava de a escutar. A rapariga perguntou-lhe porque estava em Oaxaca, e ele respondeu que era turista. Ela disse-lhe que a melhor cerâmica zapoteca se encontrava nos *pueblos* pobres para lá de Mitla, e que os melhores tecidos de lã tingidos se vendiam nas montanhas perto de Teotitlán, e que o melhor *mescal* era feito nas *fábricas* fora da cidade, e que no Mercado Juárez só vendiam merda.

Perguntou-lhe quantas lamelas de *quaaludes* achava que seria seguro enviar pelo correio para os Estados Unidos, sem levantar suspeitas, ele respondeu-lhe que não sabia e ela pareceu contentar-se com o facto de a ideia não o transtornar.

Quinn começou a observá-la. Não era italiana, mas isso não tinha importância. Podia ser alemã da Pensilvânia que a diferença seria a mesma, e enviar *quaaludes* para os Estados Unidos não tornava ninguém perigoso. Duvidava até que ela o estivesse a fazer, pois se assim fosse não teria perguntado. Era apenas uma maneira de tornar a vida interessante quando uma pessoa estava chateada e tesa, o que pensava ser o caso dela. Não fizera uma tentativa séria para chamar um criado, e estava à espera de uma oferta. Quinn gostava da maneira como o seu rosto se levantava e baixava velozmente quando falava, de tal modo que as suas feições passavam de cativantes a singelas e novamente a cativantes, consoante sorria ou não. A mudança para cativante não parava de o surpreender, e ele estava sempre à espera que se desse. Era a primeira mulher com quem falava num mês, e perguntava-se qual dos seus rostos mostraria noite alta e qual deles ficaria na memória. Desde que Rae partira, ele ganhara o hábito de só recordar os maus. Perguntou-lhe se queria um *mescal* e ela disse que sim e sorriu.

Passada uma hora, o Portal começou a ficar vazio. Os americanos foram tomar *cocktails* no Victoria e os *hippies* foram-se esgueirando para os hotéis baratos que ficavam atrás do mercado. Era o momento do dia de que mais gostava no México, uma hora de que nunca gostara no Michigan. No Michigan estava tudo acabado àquela hora, mas no México a acção estava apenas a recomençar. Queria ficar até a banda do exército começar a tocar no jardim público, e depois ia ver os combates.

A rapariga calou-se, como se esperasse que fosse acontecer alguma coisa interessante. Pediu outro cigarro e recostou-se na cadeira, com um braço na mesa, a ver o jardim público esvaziar-se de turistas. Não tinha para onde ir, pelo menos isso era claro. Andava aos caídos. Mas ele não sabia se devia correr o risco. As mulheres tinham estado fora do seu esquema desde que chegara. Desfocavam as coisas demasiado depressa. Tudo aquilo em que um tipo confiava podia desabar. Impérios inteiros tinham desaparecido em consequência de riscos menores. Mas às vezes era preciso adaptar o esquema às circunstâncias, e as circunstâncias ditavam

que ele queria que a rapariga ficasse. Depois de estar uns momentos calado, perguntou-lhe se gostaria de jantar no Monte Albán e ir ver os combates. Levava a semana inteira a admirar os cartazes nos *comerciales* e queria ver um combate. Gostava dos combates mexicanos. Recordava os *chicos* do Michigan entre os compridos barracões das casernas, nos pomares de cerejeiras, a norte de Traverse City. Esgueirava-se para lá noite alta, parava nos círculos compactos e observava os jovens esbeltos, de tronco nu, que combatiam a punhos limpos à luz de querosene. Eram combates encarniçados e correctos, e os socos arrancavam sangue com precisão. Os rapazes murmuravam enquanto lutavam na terra quente, até um deles não se poder levantar; então todos os que compunham o círculo aproximavam-se e levantavam-no formalmente, e regressavam às casas caiadas para se embebedarem, deixando-o sozinho no escuro, com o coração a bater forte. Era sempre uma guerra, e ele não se lembrava de cobardes. A cobardia parecia tão longínqua como a morte, e quando acabava sentíamos-nos com sorte, mesmo tendo sido deixados sozinhos.

A rapariga riu-se estranhamente quando ele aludiu aos combates, e olhou à sua volta para as mesas vazias ao longo do Portal, onde os empregados de mesa estavam parados, imóveis. Uns rapazes da rua tinham começado a importunar uma alemã gorda, para que lhes desse umas moedas. A mulher enxotou-os com a mão como se fossem moscas. As coisas, pressentia Quinn, recomençariam a aquecer dentro de uma hora.

A ideia de assistir a um combate parecia confundir a rapariga. Não era o que esperara que lhe fosse oferecido. A luz morrera no Centro desde que ela ali se tinha sentado. O ar estava fresco e adquiriria tonalidades de ameixa nas sombras ao longo do Portal. O trânsito diminuiria. As mulheres zapotecas que se encontravam no largo tinham tirado os seus teares portáteis das bancadas e estavam a juntá-los em feixes, para os transportarem às costas. A tarde terminara e a rapariga, pensou Quinn, talvez achasse agora o dia diferente de quando ali se sentara. Era uma altura má para estar só fosse onde fosse. Pensava que era isso que ela sentia. A banda militar começara a reunir-se debaixo do coreto elevado. Os músicos, com os instrumentos na mão, aguardavam pacientemente que alguém abrisse a porta baixa. Pareciam alheados e eficientes.

A rapariga estava sem dinheiro e pouco lhe importava o que ele pudesse ter em mente para ela. Queria apenas fazer uma leitura final do dia antes de o dar por encerrado e começar a noite com um desconhecido. Planeiam-se as coisas o melhor que é possível, e isso implica sempre uma última vista de olhos em redor. Ele não tinha pressa. Por entre as árvores de troncos caiados de branco observava um fotógrafo atravessando o jardim público carregado com o seu pônei de pau. Pensou que seria agradável tirar uma fotografia.

Depois de ter olhado durante momentos para o outro lado do Portal, a rapariga mordeu o lábio e observou-o como se ele fosse o dono de um carro perigoso que a transportaria para muito longe do lugar para onde ela queria ir, mas que a faria chegar lá depressa.

— Por que quer ir ver os combates? — perguntou, e sorriu curiosamente.

— Suponho que fiquei desesperado desde que o *ballet* se foi embora. — Quinn retribuiu o sorriso.

— Aposto que sim.

— Quer ir? — Dobrou o jornal e colocou-o em cima da mesa.

— Quer que passe esta noite consigo? — perguntou a rapariga. Mordeu de novo o lábio e sorriu-lhe luminosamente. Agora a ideia era dela e estava tudo claro. Gostava das coisas certinhas, nada de mistérios, e tinha-lhe topado o jogo, como uma menina sabida de catorze anos.

— Tenho negócios a tratar de manhã — respondeu ele —, mas cá me arranjarei.

O rosto dela mostrou a expressão cativante. Isso fê-lo sentir-se esperto.

— Toda a gente tem negócios — comentou a rapariga, e começou a meter de novo os sapatos na *bolsa*. — Se não fosse assim, por que ficaria você aqui? É tão chato. Nunca acontece nada. Eu estou arrependida de ter vindo. Mas agora não há remédio, estou aqui. — Voltou a sorrir.

— Tentarei mantê-la ocupada.

— Isso será formidável — declarou, enquanto se levantava.

\*

A *arena de boxeo* estava instalada num armazém pequeno e sem ventilação na American Highway, para lá dos últimos can-